

## A CIDADE E A ESCRITA NAS ORIGENS DA HISTÓRIA

A. Augusto Tavares\*

Da palavra latina *civitas*, vem *cidade* e daí deriva *civilização*, o que nos faz pensar que a humanidade civilizada tem como cenário próprio da sua realização a cidade. Assim sendo, parece que civilização consiste no viver em cidade; ser civilizado poderá não equivaler a cidadão mas, seguramente, a urbano<sup>1</sup>.

Na história do processo civilizacional, atribui-se com razão grande importância à época que alguns persistem em chamar “revolução neolítica”, a fase da sedentarização, que é acompanhada no nosso território pelo aparecimento de monumentos megalíticos, dos quais não importa falar agora. Também não entram no nosso objecto de estudo as chamadas “cidades” do Neolítico no antigo Médio Oriente, como por exemplo Jericó, na Palestina, Jarmo na Síria, Çatal Hüyük e Hacilar na Anatólia, entre outras<sup>2</sup>. Optamos por nos situar exclusivamente no início da época já considerada *história*, por ter a documentá-la as fontes escritas.

Se tivermos presente que os primeiros documentos escritos aparecem nas primeiras cidades que surgiram no sul da Mesopotâmia, concluímos que não só a escrita mas também a cidade marcam o início da história. Quando Samuel Kramer escreveu que “a história começa na Suméria”, poderia completar da seguinte forma a sua afirmação: “porque aí teve início a escrita e a cidade”. Neste momento, situamo-nos especificamente nas origens da cidade, aparecendo apenas circunstancialmente referências à escrita.

---

\* Prof. Cat. aposentado da UNL.

<sup>1</sup> Entre a extensa bibliografia sobre a cidade, importa destacar a obra publicada pela Universidade Aberta, em dois volumes, com o título *A Cidade, Jornadas Inter e Pluridisciplinares*, (sob a coordenação de Maria José Ferro Tavares), Lisboa 1993.

<sup>2</sup> A. A. TAVARES, “Nas origens da cidade”, na obra citada, vol. I, pp. 11-26.

Ainda como observação preliminar, convém observarmos que o simples povoado é diferente da cidade não só fisicamente mas cultural e socialmente. Um conjunto de cabanas primitivas ou de casas está longe de constituir uma cidade. Nesta, existe um traçado urbano com ruas mais ou menos largas, com edifícios de maiores dimensões, praças públicas, mercados, templos, edifícios públicos, etc. E, na remota antiguidade, seriam também elementos distintivos da cidade, normalmente, as muralhas defensivas. No nosso imaginário estas são características da cidade.

Mas, para além do aspecto físico, a cidade tem outras diferenças: a interação mútua das pessoas umas com as outras, na vida de trabalho, nas actividades culturais ou de lazer. A vida real no quotidiano assume também características próprias que a distinguem do vulgar povoado. Por tudo isso é que a cidade está no centro da história, pelo menos, nos últimos seis milénios.

## O primeiro grande surto urbano

Se o ponto de partida das cidades pré-históricas que antes referimos se situa no ambiente neolítico do Mediterrâneo Oriental, o primeiro grande surto urbano que se conhece surge no sul da Mesopotâmia no IV milénio a. C. Segundo a expressão corrente depois de Gordon Childe, foi essa a época da *revolução urbana*. Devemos entretanto notar que não se trata de revolução mas de uma nova etapa no progresso normal da sociedade, após a sedentarização. É isso que se pode constatar no sul da Mesopotâmia. Entre 3500 a 3000 a. C., conhecem-se na Suméria cerca de uma dúzia de cidades com uma população que deveria oscilar entre os 10.000 e os 50.000 habitantes. Contribuiu certamente para tal a própria geografia. De facto essa região situada a sul do território limitado pelos rios Eufrates e Tigre, foi um berço geograficamente propício ao desenvolvimento da vida urbana. É terra de férteis planícies que produzem alimentos em abundância. Ali abundava o trigo e a cevada e não faltava a carne, o peixe e as aves selvagens das lagoas, condições naturais que facilitavam a fixação das populações e o estabelecimento de povoados e posteriormente de cidades. Havia ainda outras circunstâncias de grande importância: estava situada entre a costa oriental do Mediterrâneo e o Irão, com as suas montanhas e desfiladeiros, sempre aproveitados como rotas naturais das caravanas para o Afeganistão e para a Índia. Era pois natural que matérias primas provenientes das regiões de Leste e outras do Mediterrâneo chegassem cedo à Mesopotâmia. O comércio

interno e externo, as actividades agrícolas, o cultivo da terra, a diversificação do trabalho, o sustento da população, a organização social, a burocracia que também não podia faltar, tudo isso ficou testemunhado na documentação escrita em tabuínhas de argila que perduram nos arquivos da época e que a arqueologia, com as ciências afins, tem posto a descoberto<sup>3</sup>.

Eis-nos perante uma realidade habitualmente silenciada e que importa não perdermos de vista: a cidade foi o contexto natural em que nasceu a escrita. A necessidade de instituir títulos de propriedade, de registar vendas e compras, de anotar as quantidades de cereais e de diversos bens destinados aos templos e aos palácios, os dois grandes centros do poder económico, exigia o registo. Tudo isso incitou à invenção da escrita que se tornava necessária para a organização da vida na cidade. Queremos com isto afirmar que foi a necessidade que criou o órgão? Talvez não valha a pena discorrermos sobre este tema de conotações darwinistas, mas não parece haver dúvida de que a primeira escrita surgiu por necessidade de registar, de conservar, de comunicar<sup>4</sup>.

Foi na cidade de Kish que se encontrou a mais antiga tabuínha, ainda pictográfica e por isso de difícil interpretação (figs. 1 e 2). Estamos ainda no início de um caminho longo mas que teria êxito num processo de escrita cuneiforme que se havia de generalizar em toda a Mesopotâmia ao serviço da língua suméria e acádica. É entretanto em Uruk, cidade que a Bíblia recorda com o nome de Warka, que se encontra a mais antiga colecção de documentos escritos em tabuínhas de argila.

Esta cidade situada na Suméria, junto do rio Eufrates, já revela pelos meados do IV milénio a. C., um considerável desenvolvimento no plano cultural de que é testemunho não só a escrita mas a própria arquitectura e as artes em geral, manifestando já conhecimento da metalurgia.

É bem curiosa a planta desta cidade, que ficou representada em relevo numa tabuínha de argila, onde são assinaladas as muralhas e vários templos (fig. 3). Mas Uruk era apenas uma das várias cidades mesopotâmicas da época, como por exemplo Ur, Eridu, Lagash e Nipur. Desta última chegou-nos também um mapa desenhado numa tabuínha de argila, do século XV a.C., que pretende representar o rio Eufrates e a localização de alguns templos (fig. 4).

<sup>3</sup> SPIRO KOSTOF, *História de la Arquitectura*, Madrid, Alianza Editorial, 1988. Tem particular importância para o nosso tema o cap. 3 “El origen de la ciudad: La Arquitectura en Asia Occidental”, pp. 79-179.

<sup>4</sup> A.A.V.V., *La Naissance des Écritures, du cunéiforme à l’alphabet*, Paris, Ed. Seuil 1990, pp. 27 ss.

Uma constante nestas cidades é, como vamos explicar, a existência de vários templos, sendo um deles o principal, por nele se adorar a divindade principal, que era titular e senhora da cidade. Cada cidade era defendida por poderosa muralha, com portas imponentes, a ostentarem a importância do seu rei. Não esqueçamos que cada cidade constituía, com os campos e povoados à sua volta, um reino.

Obviamente que esta cidade-estado revela características que a distinguem dos povoados e pequenos aglomerados populacionais de raiz pastoril e agrícola: tem sempre um centro religioso, exerce funções administrativas, apresenta um traçado nas suas praças e ruas que obedecem a algum plano urbanístico, com um racional aproveitamento do espaço. Além disso, a sociedade assenta numa clara divisão do trabalho, diversificação de profissões e diferenciação social. Para se caracterizar a primitiva cidade, conta necessariamente o aspecto social e organizativo. As actividades que anteriormente se realizavam no âmbito doméstico ou no interior do grupo, executam-se agora com novas práticas e técnicas. Já não é necessário dedicarem-se todos à procura directa dos bens alimentares, pois os excedentes agrícolas permitem a diversificação das profissões e uma nova organização social.

Os dois grandes centros são o complexo da zigurate, com o templo na parte superior, e o palácio do rei. Entre esses grandes edifícios encontra-se a arquitectura residencial e ainda outros templos menores. A actividade comercial e industrial exerce-se em pequenas lojas e está dispersa por toda a cidade. Apenas em Ur se encontrou uma concentração de pequenos postos de venda ao lado de uma rua, à maneira de um bazar, como os que ainda hoje existem nas cidades árabes. Pelas ruas estreitas e tortuosas destas primeiras urbes circulavam as pessoas e os burros, tradicionais animais de carga na antiguidade oriental. Para facilitar o tráfego pelas ruas bastante estreitas, que só por excepção atingiam três metros de largura, as esquinas eram arredondadas. Mas, quanto a urbanismo e formas de cidade nada parece definido, parecendo antes que tudo era ditado pelas circunstâncias.

As casas na sua maioria têm apenas um piso térreo com os vários compartimentos à volta de um pátio central. Em climas quentes, as habitações são voltadas para o interior. A única abertura para o exterior era a porta de entrada. Entretanto na cidade de Ur as famílias mais ricas habitavam em casas grandes, com dois pisos, tendo por vezes uma dúzia de compartimentos. Não é necessário descrever em pormenor a arquitectura doméstica destas primeiras cidades, mas diremos que as escavações arqueológicas revelam que, nalguns casos, tinham inegável beleza. A construção nor-

malmente era de tijolo, muitas vezes cozido ao sol, pois a pedra era rara na Mesopotâmia. A pedra era praticamente usada apenas nas ombreiras das portas e nos alicerces dos templos. Para ornamentar as paredes, empregavam-se pregos de barro com a função de cones decorativos. As cabeças desses “pregos” pintadas de vermelho, de preto e de branco, imitavam pétalas de flores que, ao cobrirem as paredes, desempenhavam uma função semelhante à dos nossos azulejos (fig. 5)

## **A cidade pertencia ao deus**

Mas, para além do aspecto físico, merece-nos especial atenção o que poderíamos classificar de alma destas primeiras cidades do sul da Mesopotâmia. Afirmámos que, dentro da mesma cidade se adoravam vários deuses e, por isso existiam vários templos, mas é necessário termos presente que apenas um desses deuses era considerado o senhor, o proprietário, aquele que tinha a posse. Na concepção dos habitantes, a cidade era algo de sagrado. Um deus era o seu senhor e, por isso todos deviam adorá-lo. Acreditavam que o rei exercia o poder em nome dessa divindade. Não será exagerado dizermos que as primeiras cidades eram teocráticas.

Se o seu templo viesse a ser destruído, seria uma calamidade. Tudo ficava sem sentido, pois a divindade, sem a sua casa, ficava a vaguear errante, como uma ave que voava sem destino, visto não ter sítio onde repousar, segundo se lê numa antiga inscrição. Não havendo deus, também não podia haver o seu “vigário”, ou seja o rei.

O templo principal estava situado num lugar especial, no cimo da zigurate. Na prática, esse emblemático monumento das antigas cidades da Mesopotâmia desempenhava a função de uma imponente plataforma sobre a qual assentava o templo. A zigurate era idealizada como uma substituição da montanha, para sobressair na planície (figs. 6 e 7). Por vezes conservava um nome que lhe definia o sentido e talvez recordasse a sua remota origem. Acreditava-se que os Sumérios teriam a sua origem nas montanhas do norte, numa área próxima do Mar Cáspio. Assim se explica provavelmente que uma das zigurates tivesse o nome de “Casa da Montanha, Montanha da Tormenta, Vínculo entre o céu e a terra”.

Realçando ainda a ideia de que a cidade era algo de sagrado, notemos que o próprio sítio em que assentava era dedicado à divindade por um ritual de fundação, que poderia consistir na oferta de um sacrifício à divindade, exactamente no local em que iria erguer-se a porta principal. São bem

elucidativos a este respeito os depósitos de fundação enterrados debaixo das construções. Eram compostos por uma pequena placa de pedra e por uma figura em cobre que segurava nas mãos uma ponta, digamos uma estaca destinada a espetar-se no chão para fixar, para “amarrar” o edifício naquele lugar.

Conhecem-se vários tipos de depósitos de fundação da época de Gudeia, príncipe de Lagash (cerca de 2125-2110 a. C.), época do renascimento sumério em que se retomam as antigas tradições. Vejamos por exemplo uma figura de cobre que segura nas mãos uma ponta destinada a ser espetada na terra para “amarrar” o templo de Ur-Ba’u a um lugar donde nunca poderia sair (fig. 8). Noutros casos, vemos representado esse soberano que leva um tijolo num cesto para ele próprio iniciar a construção, ou poderemos vê-lo, a levar a figura de um touro deitado, representando como se supõe um sacrifício de fundação. Gudeia cumpria afinal um dever sagrado, que era comum aos reis: construir templos e velar pelo culto.

No museu do Louvre, conservam-se duas dezenas de estátuas de Gudeia encontradas em Tello, a antiga Girsu, que põem em destaque a actividade de construção de templos por parte deste soberano. Ele mesmo é representado como *arquitecto* que ostenta sobre os joelhos o plano de um edifício que vai construir. As inscrições que acompanham esta estatuária e bem assim aquelas que figuram nos “pregos” de argila espetados nas paredes informam-nos de que templos se trata<sup>5</sup>.

O templo era na realidade o coração da cidade e a zigurate, concebida como um substituto da montanha, era a sua base, o seu suporte. Constituiu também um símbolo da sociedade, que se poderia designar por um socialismo teocrático. Nos seus degraus cresciam árvores e flores por onde todas as pessoas poderiam andar; no cimo estava o santuário onde se encontrava a estátua da divindade titular. A zigurate era pois uma escada, como no caso de Ur ou de Babel, ou uma rampa, como no caso de Uruk, que tanto servia para a divindade descer à cidade como para o acesso dos humanos seus servidores. O famoso historiador grego do século v a. C., Heródoto, conhecedor e admirador das civilizações pré-clássicas, considerava também o templo como um leito matrimonial para a divindade, ao descrever-nos a zigurate da Babilónia. Eis o seu testemunho: “No extremo mais alto da torre há um templo espaçoso e dentro do templo um leito maior que o habitual, ricamente adornado com uma mesa de ouro ao lado. Não há nenhuma espécie de estátuas neste lugar e a câmara está ocupada unicamente por uma

---

<sup>5</sup> Sobre esta estatuária de Gudeia que se pode admirar no museu do Louvre, em Paris, ver *Les antiquités orientales, guide du visiteur*, Louvre, 1998, pp. 45-49.

mulher nativa... eleita pela divindade para si entre todas as mulheres do lugar. Também dizem que o deus baixa em pessoa até esta câmara, e dorme sobre o leito”<sup>6</sup>.

A presença sistemática de templos nas primeiras cidades faz-nos pensar que os seus construtores, ao deixarem a vida nómada para se sedentarizarem, sentiram necessidade de construir casas para eles próprios e para os seus deuses. Quando a terra estava preparada para ter cidades e quando estas cresciam, tornava-se necessário pensar nas casas para os deuses. É natural que estes sentimentos fossem generalizados entre os que deixavam a vida nómada e passavam a viver em povoados que cresciam e se transformavam em cidades. Cremos que, entre os Hebreus, algo de semelhante se havia de verificar como poderá depreender-se do episódio referido na Bíblia, quando o rei David ficou devidamente instalado no seu palácio e começou a pensar que era necessário construir um templo para Javé. Chamou o profeta Natan para lhe expôr a sua preocupação e disse-lhe: “Como vês, eu habito num palácio de cedro, enquanto a arca da aliança do Senhor está numa simples tenda”. Natan respondeu-lhe: “faz tudo o que tencionas fazer, porque terás o apoio do Senhor” (II Sam. 7,2). E David iniciou os preparativos para a construção que afinal só seria concluída por seu filho Salomão.

Não só a fundação da cidade era devida à escolha da divindade, mas também a ordem de construir o templo vinha do alto. As próprias medidas do templo eram por vezes indicadas ao rei em segredo. A este propósito ficou-nos um relato cheio de interesse na história de Gudeia, soberano de Lagash de que antes falámos. Conta-nos ele próprio como interpretou a vontade do deus a partir de um sonho: ao verificar que o Tigre deixara de crescer na época habitual, compreendeu que o deus lhe pedia um templo. E o deus Marduk deu-lhe mesmo informações precisas para realizar os trabalhos.

Uma tabuínha cuneiforme informa-nos do papel activo que o próprio rei Gudeia teve na construção: mediu o terreno, mandou escavar os alicerces, realizou as cerimónias de purificação do lugar, transportou sobre a sua cabeça alguns ladrilhos e terra purificada para o lugar escolhido, despiu-se das suas roupas “símbolo do meu sangue real” e iniciaram-se os trabalhos.

As zigurates posteriores foram geralmente torres com vários terraços. Para os habitantes da Mesopotâmia, a zigurate mesmo depois dos Sumérios foi sempre uma escada ou uma rampa, em qualquer dos casos um caminho para os humanos se pôrem em contacto com o poder sobre-humano.

---

<sup>6</sup> A citação lê-se em SPIRO KOSTOF *ob. cit.* pp. 110.

Se na época suméria foi o centro da cidade, iria posteriormente perder essa função de centralidade em favor do palácio real, que foi crescendo em tamanho e em importância. Digamos por outras palavras que, no início da história da Mesopotâmia, o rei vivia no recinto do deus e ele próprio podia ser o sumo sacerdote, mas nos tempos finais dessa história, a zigurate converteu-se num acrescento ao palácio real que agora domina completamente a paisagem urbana. Tal pode observar-se de modo especial nas cidades do norte, na época neo-assíria, nomeadamente a partir do século IX a. C.

Como é conhecido, os reis assírios levaram para as suas cidades capitais enormes riquezas, graças às guerras de conquista e à política de deportação das populações válidas das terras conquistadas. Mas, curiosamente, para além do gosto do sangue revelado na crueldade dessas guerras de conquista, eles ficaram também conhecidos pela actividade construtora. É comum aos reis assírios “a paixão do tijolo”, como lhe chama G. Roux<sup>7</sup>. Após a coroação, o novo rei empenhava-se em construir uma nova capital ou em tomar mais opolenta aquela que herdara do pai. Pela sua riqueza e pelo seu poder, ele deveria ultrapassar o seu antecessor.

Entre os exemplos que se poderiam apontar, está o caso de Assurnasirpal (883-859 a. C.) que nos deixou uma longa e pormenorizada descrição da cidade e do palácio real em Calah, actual Nimrud. Para além da grandiosidade do palácio e das grandes festas de inauguração, criou aí uma verdadeira extravagância para a época: o primeiro jardim botânico de que temos conhecimento, com as várias espécies de plantas e de sementes que foi coleccionando para levar das terras conquistadas. O seu filho Salmanasar III continuou a mesma política de enriquecimento da cidade com grandes monumentos, onde se distingue o obelisco negro, actualmente no museu Britânico a comemorar as suas conquistas.

Outros reis continuaram a edificar cidades pelas províncias do império, embora a residirem em Kalhu, que não deixou de ser a verdadeira capital militar até 717 a. C. A partir de então, o rei Sargão II decidiu construir para si próprio uma nova capital que ficou conhecida por Dur-Sharrukin (que significa fortaleza de Sargão), a 24 km a noroeste de Nínive, perto da actual Corsabad. Essa nova cidade que actualmente se pode admirar, após as escavações realizadas por P. Émile Botta, já em 1847, tem cerca de mil metros de lado com fortes muralhas onde se abrem sete portas de cada lado do recinto quadrado, guardadas por figuras de gigantescos touros de

---

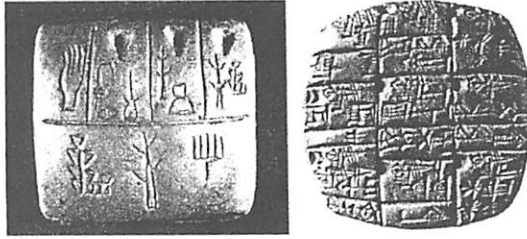
<sup>7</sup> G. ROUX, *La Mésopotamie*, Paris, Ed. Seuil, 1985, p. 257.

pedra com cabeça humana quais demónios ameaçadores. No interior da cidadela levanta-se a residência real, que é o maior de todos os palácios assírios. No seu interior, tudo nos fala da grandeza do império e da magestade do rei seu fundador. Para nos impressionarmos, basta visitarmos no museu do Louvre a sala do trono, onde um baixo relevo representa o rei Sargão no seu carro de guerra que avança sobre os corpos dos que tinham sido mortos, enquanto os seus soldados amontoam pirâmides de cabeças diante dele. É a ostentação do rei e do poder humano. A zigurate, como base em que assenta o poder do deus, ocupa agora um lugar secundário (fig. 9).

Seria caso para meditarmos se não teremos aqui um símbolo dos caminhos da história que pode ser lida através da arquitectura enquanto expressão da sociedade.

## Conclusão

Não nos permite o tempo nem as presentes circunstâncias desenvolver este tema, que exigiria uma longa viagem, com demoras obrigatórias não só na Mesopotâmia mas também no Egipto, em Creta e noutras ilhas mediterrânicas do II milénio a. C., em Micenas, antes de chegarmos a Atenas no século de Péricles. Nessa história da cidade, veríamos não apenas diferenças urbanísticas e arquitectónicas, mas ideológicas, conceptuais, sociais, políticas, humanas. Passaríamos da cidade do deus, a cidade “teocrática”, para a cidade do rei (chamemos-lhe “basileocrática”) até chegarmos à *polis* grega, por suposto a cidade “democrática” ou cidade do povo.



Figs. 1 e 2 — A primeira tabuínha contém escrita pictográfica.  
A segunda já contém escrita cuneiforme arcaica c. 3500 a. C.



Fig. 3 — Planta em relevo da cidade de Uruk, na Suméria. Extraída de M.E.L. Mallowan, *Mesopotâmia e Irão*, Lisboa. Verbo, 1965, p. 14.

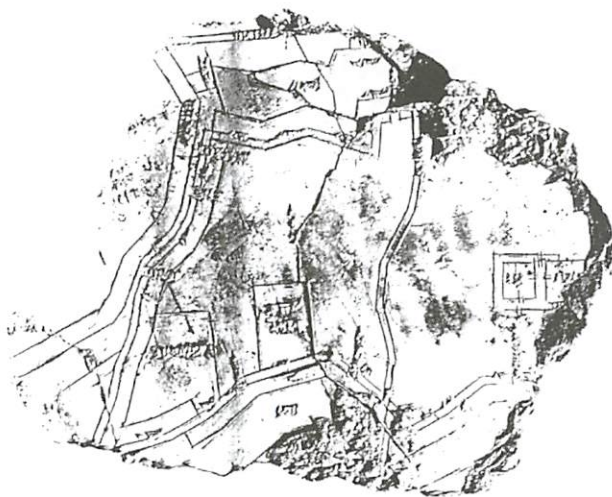


Fig. 4 — *Mapa da Cidade de Nipur, c. 1550 a. C. Extraída de S. Kostof, ob. cit. p. 101*



Fig. 5 — *Prego de barro com cabeça pintada a várias cores para decorar paredes*

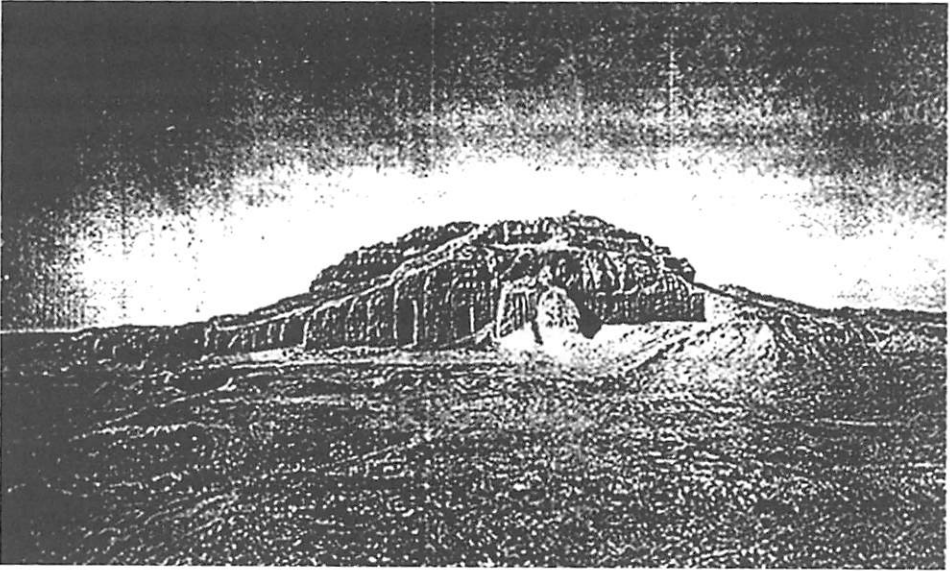


Fig. 6

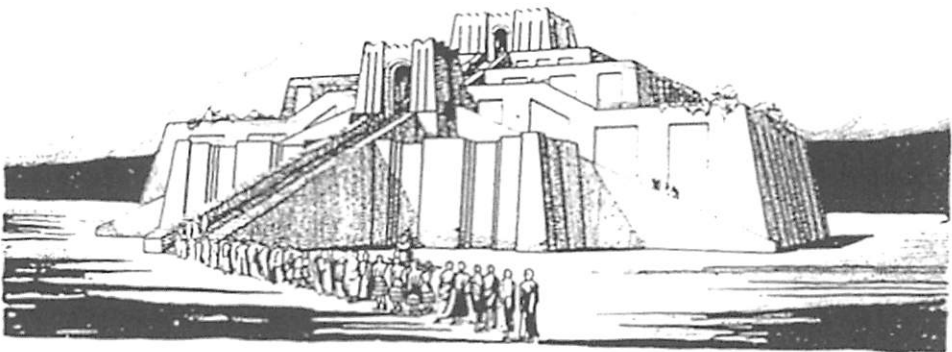


Fig. 7 — Zigarette de Ur: ruínas e hipótese de reconstrução



Fig. 8 — *Figura de fundação que representa um deus ajoelhado.*  
*No Museu do Louvre.*

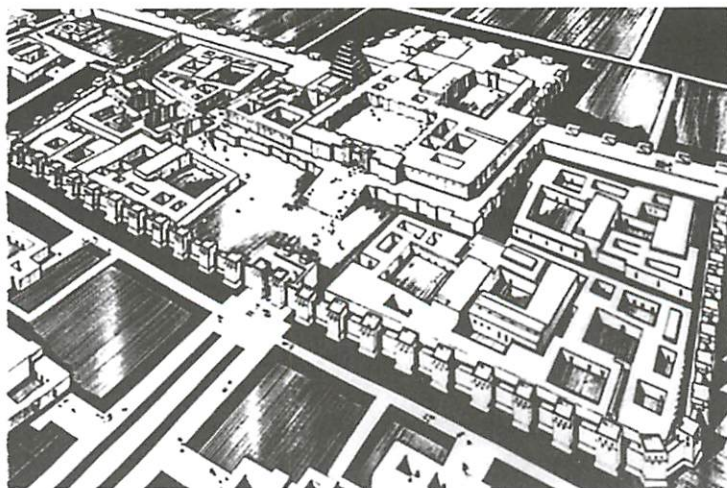


Fig. 9 — *Corsabad, cidade com palácio real e zigurate de pequenas dimensões, século VIII a. C.*